

MICHAEELEEN DOUCLEFF, Ph.D.

A ARTE PERDIDA DE EDUCAR

O QUE AS CULTURAS ANCESTRAIS NOS ENSINAM
SOBRE A CRIAÇÃO DE SERES HUMANOS FELIZES

TRADUÇÃO
EDUARDO CESCHIN RIECHE

1ª edição

BS
BestSeller

Rio de Janeiro | 2021

PRÓLOGO

Lembro-me do momento em que cheguei ao fundo do poço como mãe.

Eram cinco horas de uma fria manhã de dezembro. Deitei-me na cama, vestindo o mesmo suéter que havia usado no dia anterior. Não lavava meu cabelo há dias.

Lá fora, o céu ainda estava com um tom azul-escuro; as luzes amarelas da rua ainda brilhavam. Lá dentro, nossa casa estava estranhamente silenciosa. Tudo que eu conseguia ouvir era o nosso pastor-alemão, Mango, respirando rente ao chão, embaixo de nossa cama. Todos estavam dormindo, menos eu. Eu estava bem acordada.

Vinha me preparando para uma batalha. Estava pensando em como enfrentar meu próximo encontro com a inimiga. O que vou fazer quando ela me agredir novamente? Quando ela me bater? Me chutar? Ou me morder?

Parece horrível chamar minha filha de “inimiga”. Deus sabe que eu a amo incondicionalmente. E, sob muitos aspectos, ela é uma pessoazinha maravilhosa. É esperta, extremamente corajosa e tem a força de um touro, tanto física quanto mentalmente. Quando Rosy cai no parquinho infantil, ela se levanta imediatamente. Sem rebuliço, sem confusão.

E já mencionei o cheiro que ela tem? Ah, eu adoro o cheiro dela, especialmente no alto de sua cabecinha. Quando viajo para fazer alguma reportagem para a NPR, é disso que mais sinto falta: do cheiro dela, uma espécie de mistura de mel, lírios e terra molhada.

Essa doce fragrância é sedutora. E é enganosa, também. Há uma fogueira dentro de Rosy. Um fogo ardente que a impulsiona, a faz se deslocar pelo mundo com ferocidade. Como disse um amigo: ela é uma destruidora de mundos.

Quando Rosy era menor, chorava muito. Horas e horas, todas as noites. “Se não está comendo nem dormindo, ela está chorando”, disse meu marido à pediatra, em pânico. A médica encolheu os ombros. Obviamente, ela já tinha ouvido todas aquelas coisas antes. “Bem, ela é um bebê”, retrucou a médica.

Rosy estava com 3 anos, e todo aquele choro havia se transformado em cenas de pirraça e uma série de abusos dirigidos a mim e ao pai dela. Quando ela respondia com ataques de fúria e eu a pegava no colo, ela costumava me dar um tapa no rosto. Certas manhãs, eu saía de casa com a marca vermelha de sua mão em minha bochecha. E como aquilo doía.

Naquela manhã tranquila de dezembro, enquanto estava deitada na cama, me permiti reconhecer uma dolorosa verdade. Um muro estava se erguendo entre mim e Rosy. Estava começando a me apavorar, pensando no tempo que teríamos de passar juntas, pois temia o que poderia acontecer — medo de perder a paciência (de novo); de fazer Rosy chorar (de novo); de fazer com que o comportamento dela piorasse (de novo). E, como resultado, que Rosy e eu estivéssemos nos tornando inimigas.

Cresci em um lar em que a raiva era comum. Gritos e portas batendo — até mesmo sapatos sendo arremessados — eram meios básicos de comunicação dos meus pais, meus três irmãos e eu. E assim, no início, reagi às pirraças de Rosy da mesma forma que meus pais haviam me tratado: com uma mistura de raiva, severidade e, às vezes, falando alto e usando palavras amedrontadoras. Essa reação acabava saindo pela culatra: Rosy arqueava as costas, gritava como uma ave de rapina e se jogava no chão. Mas, além disso tudo, eu queria ser melhor para ela do

que meus pais haviam sido para mim. Queria que Rosy crescesse em um ambiente pacífico, ensinando a ela modos de comunicação mais produtivos do que jogar um sapato na cabeça de alguém.

Então, consultei o Dr. Google e decidi que “com autoridade” era a “abordagem ideal para a criação dos filhos”, capaz de ajudar a conter os acessos de raiva de Rosy. Pelo que pude perceber, ter autoridade significava ser “firme e amável”. E, assim, tentei dar o melhor de mim fazendo exatamente isso. Contudo, jamais consegui acertar, porque, todas as vezes, a abordagem usada para demonstrar autoridade falhou. Rosy conseguia perceber que eu ainda estava com raiva, e então ficávamos presas no mesmo círculo vicioso. Minha raiva piorava seu comportamento, e eu ficava com mais raiva ainda. E, no fim das contas, suas pirraças tornaram-se incontroláveis. Ela me mordida, agitava os braços e começava a correr pela casa derrubando os móveis.

Até mesmo as tarefas mais simples — como se arrumar para a pré-escola todas as manhãs — transformaram-se em verdadeiros confrontos. “Será que você poderia, por favor, colocar seus sapatos?”, implorava eu, pela quinta vez. “Não!”, gritava ela, antes de começar a despir seu vestido e a calcinha.

Certa manhã, me senti tão mal que me ajoelhei embaixo da pia da cozinha e soltei um grito abafado dentro do armário. *Por que tudo precisa ser assim tão difícil? Por que ela não escuta? O que estou fazendo de errado?*

Para ser honesta, não tinha ideia de como lidar com Rosy. Eu não sabia como controlar suas pirraças, e muito menos como dar início ao processo de ensiná-la a ser uma boa pessoa — uma pessoa amável, prestativa e preocupada com os outros.

A verdade é que eu não sabia como ser uma boa mãe. E, antes disso, jamais tinha sido tão incompetente em algo em que eu queria ser boa. Até então, a distância entre minha habilidade real e o nível de habilidade desejada nunca havia sido tão grande.

E, assim, lá estava eu deitada na cama, nas primeiras horas da manhã, apavorada com o momento em que minha filha — a criança amada, que eu havia passado anos desejando — acordaria. Procurava, em minha

mente, uma maneira de me conectar com aquela pessoazinha que, certos dias, parecia uma maníaca furiosa — uma maneira de escapar daquela confusão que eu mesma havia criado.

Eu me sentia perdida. Cansada. Sem esperança. Quando olhava para a frente, tudo que conseguia ver era mais do mesmo: Rosy e eu continuaríamos aprisionadas em uma batalha constante; ela ficando maior e mais forte com o passar do tempo.

Mas não foi isso o que aconteceu, e este livro é sobre como se deu essa mudança inesperada e transformadora em nossa vida. Tudo começou com uma viagem ao México, onde uma experiência reveladora levou a outras viagens, a diferentes cantos do mundo — e sempre com Rosy como minha companheira de viagem. Ao longo do caminho, conheci mães e pais extraordinários que, generosamente, me ensinaram coisas incríveis sobre como criar os filhos. Essas mulheres e esses homens me mostraram não apenas como controlar as pirraças de Rosy, como também uma maneira de me comunicar com ela que não envolvesse gritos, reclamações ou punições — uma maneira que aumentaria a confiança da criança, em vez de criar tensão e conflito com o pai ou a mãe. E, talvez o mais importante de tudo, aprendi a ensinar Rosy a ser amável e generosa comigo, com a família e os amigos. E parte do motivo pelo qual tudo isso foi possível é que aquelas mães e aqueles pais *me* mostraram como ser amável e amorosa com minha filha, de uma maneira totalmente nova.

Como me disse a mãe inuíte Elizabeth Tegumiar, em nosso último dia no Ártico: “Acho que agora você está sabendo melhor como lidar com ela.” É verdade, estou, sim.

A criação dos filhos é extremamente pessoal. Os detalhes variam não apenas de cultura para cultura, mas também de comunidade para comunidade e, até mesmo, de família para família. E, mesmo assim, se viajarmos hoje ao redor do mundo, poderemos perceber um fio comum que perpassa a vasta maioria das culturas. Da tundra ártica e da floresta

tropical de Yucatán à savana da Tanzânia e às encostas das montanhas filipinas, é possível identificar uma maneira comum de se relacionar com as crianças. Isso é especialmente verdadeiro em culturas que formam crianças notavelmente amáveis e prestativas — crianças que acordam de manhã e, imediatamente, começam a lavar a louça. Crianças que *querem* dividir os doces com os irmãos.

Essa abordagem universal da criação dos filhos possui quatro elementos principais. Hoje em dia, é possível identificá-los em partes da Europa, e, não muito tempo atrás, eles se disseminaram pelos Estados Unidos. O primeiro objetivo deste livro é entender os pormenores desses elementos e aprender como levá-los para sua casa, a fim de facilitar sua vida.

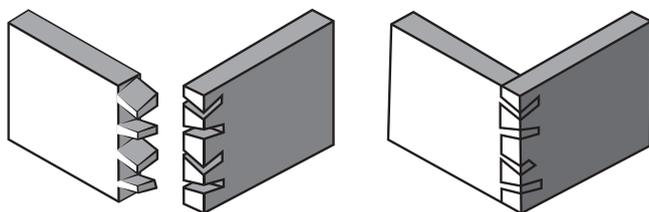
Considerando-se sua difusão em todo o mundo e entre as comunidades de caçadores-coletores, é provável que esse estilo universal de criação dos filhos tenha dezenas, talvez centenas de milhares de anos. Os biólogos são capazes de defender veementemente o argumento de que o relacionamento entre pais e filhos evoluiu para funcionar dessa maneira. E, quando identificamos esse estilo de criação dos filhos em ação — quer estejamos preparando tortilhas em uma aldeia maia, quer pescando trutas no oceano Ártico —, experimentamos uma sensação avassaladora de “Ah, então é *assim* que esse negócio de criar os filhos funciona”. Filhos e pais se unem como um encaixe de madeira tipo macho-fêmea — ou, melhor ainda, como no intrincado sistema japonês *nejire kumi tsugi*. É lindo.

Nunca esquecerei a primeira vez que testemunhei esse estilo de criação dos filhos. Senti todo o meu senso de gravidade mudar.

Naquela época, fazia seis anos que eu era repórter da NPR. Antes disso, tinha trabalhado sete anos como química formada em Berkeley. Por isso, como repórter, eu me concentrava em histórias sobre ciências médicas — doenças infecciosas, vacinas e saúde infantil. Na maior parte do tempo, escrevia as matérias em minha mesa de trabalho, em São Francisco. De tempos em tempos, porém, a NPR me mandava para um canto distante do mundo com o propósito de que eu elaborasse uma

reportagem sobre alguma doença exótica. Fui para a Libéria durante o pico do surto de ebola, rastejei pelo *permafrost* ártico em busca dos vírus da gripe que o degelo tem revelado e permaneci em uma caverna de morcegos em Bornéu, momento em que um caçador de vírus me alertou sobre uma futura pandemia de coronavírus (isso foi no outono de 2017).

Depois que Rosy entrou em nossa vida, essas viagens ganharam um novo significado. Comecei a observar as mães e os pais ao redor do mundo não como repórter nem como cientista, e sim como uma mãe exausta, procurando desesperadamente um pedacinho da sábia arte de criar os filhos. *Simplesmente, deve existir uma maneira melhor do que a que eu estou usando*, pensei. *Simplesmente, deve existir.*



Então, durante uma viagem a Yucatán, encontrei o que procurava: a maneira universal de criar os filhos, de um modo bastante pessoal. A experiência me abalou profundamente. Voltei para casa e comecei a mudar todo o foco de minha carreira. Em vez de estudar os vírus e a bioquímica, queria aprender o máximo possível sobre aquela maneira de se relacionar com os pequeninos seres humanos — irresistivelmente amável e bondosa de criar filhos prestativos e autossuficientes.

Se você está com este livro nas mãos, antes de qualquer coisa, obrigada. Obrigada por sua atenção e seu tempo. Sei como isso é precioso para os pais. Com o apoio de uma equipe fantástica, trabalhei muito para fazer com que este livro valesse a pena para você e sua família.

É provável que você tenha se sentido um pouco como eu e meu marido — em uma busca desesperada por orientações e ferramentas mais eficazes. Talvez já tenha lido inúmeros livros e, tal como um cientista, experimentado inúmeros métodos com seus filhos; se animado no início, pelo fato de o experimento parecer promissor, apenas para se sentir ainda mais angustiado alguns dias depois, quando, infelizmente, o experimento falhou. Eu vivi esse ciclo de frustração durante os primeiros dois anos e meio de vida de Rosy. Os experimentos falharam, incontáveis vezes.

Um dos objetivos deste livro é ajudá-lo a interromper esse ciclo de frustração. Ao aprender a abordagem universal da criação dos filhos, você terá uma visão de como as crianças foram criadas por dezenas de milhares de anos e de como elas estão programadas para serem criadas. Entenderá por que o mau comportamento ocorre e terá o poder de detê-lo logo na origem; aprenderá uma maneira de se relacionar com as crianças que vem sendo testada há milênios por mães e pais em seis continentes — uma maneira que não tem aparecido em outros livros sobre parentalidade.

Hoje em dia, as orientações acerca da criação dos filhos apresentam um grave problema. A grande maioria é produzida, exclusivamente, sob a perspectiva euro-americana. Logicamente, o *Grito de guerra da mãe-tigre*, de Amy Chua, nos trouxe um olhar fascinante sobre a abordagem chinesa para a criação de filhos bem-sucedidos, mas, em geral, as ideias contemporâneas sobre parentalidade baseiam-se, quase exclusivamente, no paradigma ocidental. Assim, as mães e os pais norte-americanos veem-se obrigados a observar o vasto panorama da criação dos filhos através de um diminuto buraco de fechadura. Essa visão estreita não apenas bloqueia grande parte do panorama mais fascinante (e útil), como também tem implicações de longo alcance: é uma das razões pelas quais criar os filhos é tão estressante hoje em dia — e o motivo pelo qual,

nas últimas décadas, as crianças e os adolescentes dos Estados Unidos tornaram-se mais solitários, mais ansiosos e mais deprimidos.

Segundo os pesquisadores de Harvard, atualmente cerca de um terço de todos os adolescentes apresenta sintomas que atendem aos critérios de um transtorno de ansiedade. Mais de 60% dos universitários relatam sentir uma ansiedade “avassaladora”, e a Geração Z, que inclui adultos nascidos entre meados da década de 1990 e o início dos anos 2000, é a geração mais solitária em décadas. E, no entanto, o estilo parental predominante nos Estados Unidos está se encaminhando para agravar esses problemas, em vez de contê-los. “Os pais entraram em um modo de controle”, afirmou a psicoterapeuta B. Janet Hibbs, em 2019. “Eles costumavam promover a autonomia. (...) Mas agora eles estão exercendo, cada vez mais, o controle, o que deixa seus filhos mais ansiosos e também menos preparados para o imprevisível.”

Se o estado “normal” dos adolescentes na cultura ocidental é a ansiedade e a solidão, talvez esteja na hora de os pais reexaminarem o que é uma parentalidade “normal”. Se realmente quisermos entender essas preciosas fontes de alegria — criar conexões verdadeiras com os filhos —, talvez seja necessário sair da zona de conforto cultural e conversar com aqueles pais que raramente são ouvidos.

Talvez seja hora de ampliar nossa estreita visão de mundo e perceber quanto a parentalidade pode ser bela — e poderosa.

Este é outro objetivo deste livro — começar a preencher as lacunas de nosso conhecimento sobre a criação dos filhos. E, para fazer isso, vamos nos concentrar em culturas com conhecimentos válidos abundantes: caçadores-coletores e outras culturas indígenas com valores semelhantes. Essas culturas vêm aprimorando suas estratégias de criação dos filhos há milhares de anos. Avós transmitiram conhecimento de uma geração para outra, equipando pais de primeira viagem com um enorme baú de variadas e potentes ferramentas. Assim, os pais sabem como fazer com que os filhos realizem tarefas mesmo sem serem solicitados, como fazer com que irmãos cooperem uns com os outros (e não briguem) e como disciplinar sem precisar gritar, repreender ou impor castigos. Eles são

os grandes motivadores e especialistas no desenvolvimento das funções executivas das crianças, incluindo habilidades como resiliência, paciência e controle da raiva.

O mais impressionante é que, em muitas culturas de caçadores-coletores, os pais constroem um relacionamento com as crianças pequenas que é nitidamente diferente daquele que promovemos nos Estados Unidos — é um relacionamento baseado na cooperação em vez do conflito, na confiança em vez do medo e em necessidades personalizadas em vez de metas de desenvolvimento padronizadas.

Assim, enquanto eu crio Rosy munida, essencialmente, de uma única ferramenta (um martelo bastante barulhento), muitos pais ao redor do mundo usam todo um conjunto de instrumentos de precisão, como chaves de fenda, roldanas e níveis, que são usados quando necessário. Neste livro, aprenderemos o máximo possível sobre essas superferramentas, incluindo como utilizá-las dentro de casa.

E, para fazer isso, irei direto à fonte das informações: mães e pais. Visitaremos as culturas dos povos maia, hadza e inuíte, que se destacam em aspectos (bastante complicados para a cultura ocidental) da criação dos filhos. As mães maias são mestras em criar filhos prestativos. Elas desenvolveram uma sofisticada forma de colaboração que ensina os irmãos não apenas a conviver, como também a trabalhar juntos. Os pais hadzas são especialistas mundiais em criar filhos confiantes e autocentrados; a ansiedade e a depressão na infância que constatamos nos Estados Unidos são quase desconhecidas nessas comunidades. E os inuítes desenvolveram uma abordagem extremamente eficaz para ensinar inteligência emocional às crianças, especialmente quando se trata de controlar a raiva e respeitar os outros.

O livro dedica uma seção a cada uma dessas culturas. Em cada uma delas, vocês serão apresentados a algumas famílias e suas rotinas diárias. Verão como os pais arrumam os filhos para irem à escola pela manhã, como os colocam para dormir à noite e como motivam os filhos a compartilhar, a tratar os irmãos com gentileza e a assumir novas responsabilidades segundo o ritmo de cada um.

Além disso, apresentamos um desafio a essas supermães e esses superpais, um enigma sobre criação dos filhos, passível de ser resolvido bem diante dos meus olhos: oferecemos Rosy a eles.

Sim, você leu corretamente. Para escrever este livro, embarquei em uma jornada épica — e, alguns podem até dizer, insana. Com minha filha pequena, viajei para três comunidades reverenciadas em todo o mundo, morei com famílias locais e aprendi tudo o que pude, em detalhes, sobre como eles criam os filhos. Rosy e eu dormimos em uma rede sob a lua cheia dos maias; ajudamos um avô inuíte a caçar um narval no oceano Ártico; e aprendemos a colher tubérculos com as mães hadzas na Tanzânia.

Ao longo do caminho, consultei antropólogos e biólogos evolucionistas para entender como as estratégias parentais mostradas não são especificidades únicas dessas famílias e culturas, mas estão disseminadas em todo o mundo moderno — e ao longo da história humana. Conversei com psicólogos e neurocientistas para aprender como as ferramentas e as dicas podem afetar a saúde mental e o desenvolvimento das crianças.

Ao longo de cada seção, você encontrará guias práticos para testar as orientações com seus filhos. Damos dicas para “começar a se envolver” com a abordagem e avaliar se ela produz algum efeito sobre seus filhos, assim como um guia mais abrangente para começar a integrar as estratégias em sua vida cotidiana. Essas seções práticas são baseadas em minha experiência pessoal, bem como nas de meus amigos, criando filhos pequenos em São Francisco.

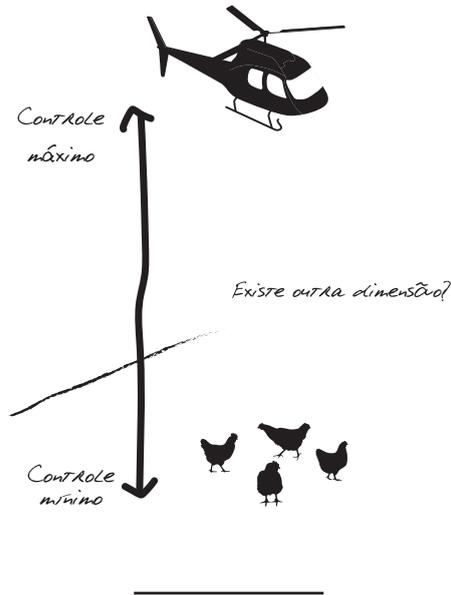
À medida que começamos nossa jornada além dos Estados Unidos, comecei a encarar a abordagem ocidental para a criação de filhos com novos olhos. Vi como essa cultura, muitas vezes, caminha no sentido contrário quando se trata de crianças: há interferência demais. Não temos confiança suficiente em nossos filhos. Não confiamos em sua capacidade inata de saber o que eles mesmos precisam para crescer. E, em muitos casos, não falamos sua língua.

Em particular, a cultura ocidental concentra-se quase inteiramente em um único aspecto do relacionamento entre pais e filhos. Estamos falando do controle — quanto controle os pais exercem sobre o filho, e quanto dele o filho tenta exercer sobre os pais. Todos os “estilos” parentais mais comuns giram em torno do controle. Os pais “helicóptero” exercem domínio máximo. Os que são adeptos da criação com total liberdade exercem controle mínimo. A cultura ocidental pensa que há um sistema maniqueísta, em que um dos dois está no comando: a criança ou o adulto.

Há um grande problema nessa visão da parentalidade: ela nos prepara para disputas de poder, repletas de brigas, gritarias e lágrimas. Ninguém gosta de ser controlado. Tanto os filhos quanto os pais se rebelam contra isso. Então, quando interagimos com nossos filhos em termos de domínio — seja um pai controlando o filho e vice-versa —, estabelecemos um relacionamento de antagonismo. Criam-se tensões. Surgem discussões. Disputas de poder são inevitáveis. Para uma criança pequena que não consegue lidar com as emoções, essas tensões manifestam-se física e abruptamente.

Este livro mostra a outra dimensão da parentalidade que, em grande parte, foi deixada à margem durante os últimos cinquenta anos nos Estados Unidos: uma forma de se relacionar com as crianças que não tem nada a ver com controle, independentemente de quem o exerce.

Talvez você nem tenha percebido quantas de suas dificuldades na criação dos filhos têm a ver com controle. Mas quando o removemos da equação da parentalidade (ou, pelo menos, quando o restringimos), é incrível como as dificuldades e a resistência se dissipam rapidamente, tal qual o nevoeiro da manhã com a luz do sol. Mantenha-se firme! Teste o material que está aqui e você descobrirá que os momentos incrivelmente frustrantes da criação dos filhos — os sapatos arremessados, a pirraça no supermercado, a briga na hora de dormir — acontecerão com muito menos frequência e, em última instância, desaparecerão completamente.



Finalmente, algumas palavras sobre minhas intenções com este livro.

A última coisa que quero é que qualquer parte deste livro faça você se sentir mal como pai ou mãe. Todos nós que temos filhos já temos muitas dúvidas e inseguranças — e eu não quero aumentar as suas. Se isso acontecer, por favor, envie-me um e-mail e avise-me imediatamente. Meu objetivo é exatamente o oposto, é capacitá-lo e estimulá-lo, ao mesmo tempo em que forneço um novo conjunto de ferramentas e orientações hoje ausentes nas discussões sobre parentalidade. Escrevi este livro para ser o presente que eu gostaria de ter recebido quando estava deitada no escuro naquela fria manhã de dezembro, sentindo como se tivesse chegado ao fundo do poço como mãe.

Meu outro desejo é ser justa com os muitos pais apresentados neste livro, que abriram suas casas e suas vidas para Rosy e para mim. Essas famílias vêm de culturas diferentes da minha — e, provavelmente, da sua também. Existem muitas maneiras de transitar por essas diferenças. Nos Estados Unidos, muitas vezes nos concentramos nas dificuldades e nos problemas de tais culturas. Nós até reprimos os pais de culturas

diferentes quando eles não seguem as regras da nossa sociedade. Em outras ocasiões, avançamos demais na direção contrária e romantizamos como vivem outros povos, acreditando que eles têm conhecimento de alguma “magia antiga” ou vivem em uma espécie de “paraíso perdido”. As duas visões estão categoricamente erradas.

Não há dúvida de que a vida pode ser difícil nessas culturas — assim como pode ser difícil em qualquer outra. Comunidades e famílias sofrem com a ocorrência de tragédias, doenças e tempos difíceis (às vezes, pelas mãos da cultura ocidental). Assim como você e eu, esses pais enfrentam trabalho duro, geralmente em mais de um emprego. Eles cometem erros com os filhos e acabam se arrependendo de suas decisões. Assim como nós, eles não são perfeitos.

Ao mesmo tempo, nenhuma dessas culturas é uma relíquia do passado, congelada no tempo. Nada poderia estar mais longe da verdade. As famílias apresentadas neste livro são tão “contemporâneas” (por falta de uma palavra melhor) quanto você e eu. Elas têm smartphones, acessam o Facebook (com frequência), veem *CSI* e adoram *Frozen* e *Viva — A vida é uma festa*. As crianças comem cereais no café da manhã e assistem a filmes depois do jantar. Os adultos se desdobram todas as manhãs para arrumar as crianças e enviá-las à escola e bebem com os amigos nas descontraídas noites de sábado.

Mas essas culturas, de fato, têm algo que, hoje, falta à cultura ocidental: tradições parentais profundamente arraigadas e o enorme conhecimento que as acompanha. E não há dúvida de que os pais apresentados neste livro são incrivelmente hábeis em se comunicar e cooperar com os filhos, além de motivá-los. Passe apenas algumas horas com essas famílias e você verá claramente as evidências.

E, por esse motivo, meu objetivo explícito neste livro é lançar luz sobre as excelentes habilidades desses pais. Durante minhas viagens, quis conhecer outros seres humanos, conectar-me com eles o mais genuinamente possível, e aprender com suas vastas experiências (e depois levá-las até você, leitor). Ao compartilhar essas histórias, quero homenagear e respeitar as pessoas que estão neste livro (e suas comunidades)

da melhor maneira possível. E quero retribuir-lhes. Sendo assim, 35% do adiantamento que recebi para redigir este livro serão destinados às famílias e comunidades que você está prestes a conhecer. Para valorizar igualmente as opiniões de todos ao longo do livro, usarei os nomes próprios como referência secundária em todos os casos.



Antes de mergulharmos em três das culturas mais reverenciadas do mundo, precisamos dar uma olhada em nós mesmos — e aprender por que criamos filhos da maneira que criamos. Veremos que muitas das técnicas e ferramentas que consideramos naturais, e das quais nos orgulhamos, têm origens bastante surpreendentes e frágeis.

SEÇÃO 1

**Estranho e
selvagem Ocidente**

CAPÍTULO 1

Os pais mais **ESTRANHOS** do mundo

Na primavera de 2018, estava eu sentada no aeroporto de Cancún, México, quase em estado de paralisia. Observava os aviões, enquanto meus pensamentos voltavam ao que eu acabara de testemunhar. Seria aquilo verdade?

Criar os filhos poderia mesmo ser tão fácil assim?

Poucos dias antes, eu havia estado em uma pequena aldeia maia no centro da península de Yucatán trabalhando em uma reportagem radiofônica sobre a capacidade de atenção das crianças. Eu tinha lido um estudo sugerindo que, em determinadas situações, as crianças maias prestavam mais atenção do que as crianças norte-americanas, e eu queria saber por quê.

Contudo, depois de passar um dia na aldeia, rapidamente identifiquei uma pauta muito mais interessante sob aqueles telhados de palha.

Passei horas e horas entrevistando mães e avós sobre como elas criavam os filhos, e observando suas habilidades em ação — como lidavam com as pirraças das crianças pequenas e os motivavam a fazer os deveres de casa ou como os persuadiam a entrar em casa para jantar. Basicamente, a versão familiar da rotina diária. Também perguntei a

elas sobre as partes mais difíceis da criação de filhos — por exemplo, como elas conseguiam fazê-los sair de casa todas as manhãs e à noite colocá-los para dormir.

O que eu testemunhei me surpreendeu. Sua abordagem parental era completamente diferente de tudo aquilo que eu já tinha visto. Era diferente dos métodos usados pelas mães mais dedicadas de São Francisco, daquilo que eu havia vivenciado quando criança e da maneira como eu estava criando Rosy — radicalmente.

Minha experiência pessoal criando minha filha era como uma aventura eletrizante em correntezas perigosas, com dramas, gritos e lágrimas abundantes (para não mencionar as intermináveis rodadas de negociações e brigas partindo de ambos os lados). Com as mães maias, por outro lado, eu me sentia como se estivesse em um rio largo e tranquilo, serpenteando um vale entre montanhas, suave e constantemente. Manso. Sereno. Com pouquíssimo drama. Eu não escutava nenhum grito, ninguém dando ordem a ninguém (em nenhuma das direções) e poucas reclamações. No entanto, eles criavam os filhos de maneira eficiente. Ah, até demais! As crianças eram respeitosas, amáveis e cooperativas, não apenas com a mãe e o pai, como também com os irmãos. Na maioria das vezes, os pais nem precisavam pedir a um dos filhos que dividisse seu saco de batatas fritas com o irmãozinho mais novo: ele o fazia voluntariamente.

Mas o que *realmente* chamava a atenção era a prestatividade infantil. Em todos os lugares em que estive, vi crianças de todas as idades ajudando empenhadamente seus pais. Uma menina de 9 anos saltou de sua bicicleta e correu até uma torneira, abriu-a e a mãe pôde utilizar uma mangueira. Uma garotinha de 4 anos se ofereceu para ir correndo até o mercadinho da esquina para comprar tomates (com a promessa de ganhar um doce, claro).

E, então, na última manhã de minha estada, testemunhei o maior ato de disposição, e ele vinha de uma fonte improvável: uma pré-adolescente de férias.

Eu estava sentada na cozinha da família, conversando com a mãe da menina, Maria de los Angeles Tun Burgos, enquanto ela cozinhava feijão-preto em um fogão a lenha. Com seus longos cabelos negros presos em um elegante rabo de cavalo, Maria usava um vestido evasê azul-marinho cinturado.

“As duas meninas mais velhas ainda estão dormindo”, disse Maria, enquanto se sentava para descansar em uma rede. Na noite anterior, as garotas tinham ficado acordadas até tarde, assistindo a um filme de terror sobre tubarões. “E eu as encontrei amontoadas em uma única rede, à meia-noite”, contou a mãe, rindo baixinho. “Por isso, estou deixando que durmam mais um pouco.”

Maria trabalha muito. Ela cuida de todas as tarefas domésticas, prepara todas as refeições — estamos falando de tortilhas frescas todos os dias, feitas de milho moído na pedra — e ajuda nos negócios da família. E, independentemente do caos que houvesse em torno dela durante a nossa visita, sempre se manteve serena. Até mesmo quando advertiu a filha mais nova, Alexa, para não tocar no fogão a lenha, ela usou um tom de voz calmo e seu rosto permaneceu relaxado. Não havia senso de urgência, ansiedade ou estresse. E, em troca, seus filhos foram incríveis com ela. Eles respeitavam seus pedidos (na maior parte das vezes). Eles não discutiam nem retrucavam.

Conversamos por mais alguns minutos e, então, quando me levantei para ir embora, a filha de 12 anos de Maria, Angela, saiu de seu quarto. Vestindo uma calça capri preta, camiseta vermelha e brincos de argola de ouro, ela parecia praticamente uma pré-adolescente da Califórnia. Mas ela fez algo que eu nunca havia presenciado na Califórnia: passou direto por mim e pela mãe e, sem dizer uma palavra, encheu a cuba da cozinha de água e sabão e começou a lavar a louça do café da manhã. Ninguém teve de lhe pedir nada. Não havia nenhuma tabela de tarefas pendurada na parede (na verdade, como veremos, as tabelas de tarefas podem até inibir tais atos voluntários). Ao contrário; Angela simplesmente percebeu os pratos sujos na pia e pôs mãos à obra, embora estivesse de férias.

“Uau!”, exclamei. “Angela se voluntaria para ajudar com frequência?” Eu estava totalmente surpresa, mas Maria não. “Ela não faz isso todos os dias, mas frequentemente”, disse a mãe. “Se percebe que há algo a ser feito, ela não espera. Certa vez, levei a irmã mais nova dela até o posto de saúde e, quando voltei, Angela tinha limpado a casa toda.”

Fui até a garota e lhe perguntei diretamente por que ela havia começado a lavar a louça. Sua resposta comoveu meu coração.

“Gosto de ajudar minha mãe”, disse ela, em um delicado espanhol, enquanto esfregava um prato.

“E quando você não está ajudando sua mãe, o que você gosta de fazer?”, perguntei.

“Gosto de ajudar minha irmã mais nova”, respondeu ela, com orgulho.

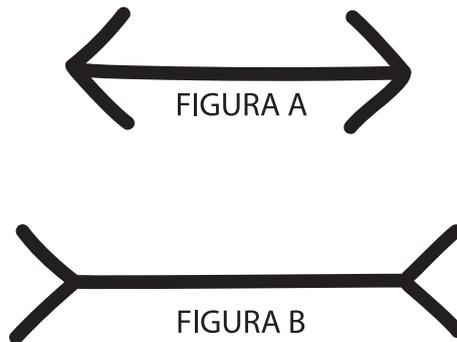
Fiquei lá observando, de queixo caído. *Que menina de 12 anos se levanta de manhã e, antes de fazer qualquer outra coisa, começa a lavar a louça — e nas férias, ainda por cima?*, pensei comigo mesma. *Será que ela é real?*

E então, dias depois, enquanto aguardava meu voo no movimentado aeroporto de Cancún, os olhos fixos nos aviões, não conseguia parar de pensar em Angela — em seu desejo genuíno de ajudar e em seu amor por sua família. Como Maria e outras mães maias fazem isso? Como elas criam filhos tão cooperativos e respeitosos?

Aquelas mulheres faziam com que a criação de filhos parecesse — ousado dizer — fácil. E eu queria aprender seus segredos. Queria que meu relacionamento com Rosy fosse tão calmo e tão descontraído quanto o delas. Desejava escapar das correntezas eletrizantes e adentrar o rio largo e sinuoso.

Naquele momento, desviei minha atenção dos aviões e olhei para os turistas norte-americanos sentados à minha frente, preparando-se para embarcar no avião de volta a São Francisco. E me ocorreu que, talvez, meus problemas com Rosy se devam não por eu ser uma mãe ruim, mas, simplesmente, porque não tive ninguém para me ensinar como ser uma boa mãe. Será que minha cultura havia se esquecido da melhor maneira de criar os filhos?

Eis aqui um rápido experimento. Dê uma olhada nestas duas linhas. Qual é a mais curta? A Figura A ou a Figura B?



A resposta é óbvia, não é? Ou nem tanto?

E se você desse o teste para um pastor de rebanhos no Quênia? Ou um caçador-coletor em uma minúscula ilha filipina? Quem responderia à pergunta corretamente e quem se deixaria enganar pela ilusão?

Na década de 1880, um jovem psiquiatra alemão chamado Franz Carl Müller-Lyer resolveu estudar como o cérebro humano percebe o mundo. Com pouco mais de 30 anos, ele já era um fenômeno em sua área. Na época, as ilusões de óptica estavam em moda na psicologia. E Müller-Lyer achou que poderia deixar sua marca naquele campo. Foi aí que ele começou a rabiscar algumas coisas: desenhou duas linhas de comprimento igual — uma com setas regulares apontadas para fora, conforme a figura A no esquema apresentado, e outra com setas apontadas para dentro, conforme a figura B. Ele logo percebeu que, embora as linhas tivessem exatamente o mesmo comprimento, pareciam muito diferentes. A forma das setas leva o cérebro a pensar que a figura B é maior do que a figura A.

Com aquele esboço, ele criou o que se tornaria a ilusão de óptica mais famosa da história.

Müller-Lyer publicou sua ilusão em 1889, e, imediatamente, os cientistas começaram a tentar descobrir por que nossos olhos (ou nosso

cérebro) nos enganam. Por que não conseguimos ver as linhas como elas são, com o mesmo comprimento? A ilusão parecia revelar algo universal sobre a percepção humana.

Então, mais de um século depois, uma equipe de pesquisadores virou o campo da psicologia de cabeça para baixo e mudou para sempre a maneira como percebemos a ilusão de Müller-Lyer e entendemos o cérebro humano.

Em 2006, Joe Henrich acabara de se mudar para sua nova sala na Universidade de British Columbia, em Vancouver, no Canadá, quando se tornou amigo de outro psicólogo nos corredores da instituição. Mal sabia ele que aquela amizade acabaria mudando profundamente todo o campo da psicologia — ou, como afirma Henrich, “um verdadeiro golpe em seu cerne”.

Henrich é um grande pensador. Ele estuda o que motiva as pessoas a cooperar umas com as outras — ou, inversamente, a declarar guerras umas às outras — e como as decisões de trabalhar em conjunto ajudaram nossa espécie a dominar o planeta.

Ele também pertence a uma cepa rara de psicólogos, chamada de “transcultural”: ele faz experimentos tanto com norte-americanos ou europeus quanto com pessoas fora do eixo Estados Unidos-Europa, viajando para outros lugares, como as ilhas Fiji ou a Amazônia, com a finalidade de avaliar o desempenho de povos de outras culturas.

No mesmo corredor do escritório de Henrich estava a sala de outro psicólogo multicultural chamado Steve Heine. Ele estuda o que as pessoas consideram dar “significado” às respectivas vidas e como essa ideia varia ao redor do mundo. Steve também estava interessado em descobrir como funciona o cérebro *humano* — e não apenas o *européu-norte-americano*.

Devido ao seu apreço comum por outras culturas, ambos começaram a se encontrar todos os meses na hora do almoço: na praça de alimentação da universidade, pediam comida chinesa para viagem e, então, discutiam

suas pesquisas mais recentes. Repetidas vezes, os dois haviam notado um padrão: europeus e norte-americanos tendiam a se comportar de maneira diferente das pessoas pertencentes a outras culturas. “Éramos sempre um ponto fora da curva nos experimentos”, afirmou Henrich. “Steve e eu estávamos pasmados. Começamos a nos perguntar: ‘Será que os norte-americanos são as pessoas mais estranhas do mundo?’”

Naquele momento, a ideia era apenas uma hipótese surgida durante o almoço. Mas os dois psicólogos estavam tão intrigados que decidiram realizar alguns testes. A dupla envolveu o colega Ara Norenzayan, psicólogo que estuda como as religiões se disseminam e estimulam a cooperação mútua. Em conjunto, começaram a revisar metodicamente dezenas de estudos em psicologia, ciências cognitivas, economia e sociologia.

Logo de cara, a equipe percebeu um grande problema. A psicologia tem uma parcialidade enorme. A grande maioria dos estudos (cerca de 96%) examinava apenas pessoas de origens europeias; no entanto, elas representam apenas 12% da população mundial. “Portanto, todo o campo da psicologia está estudando apenas uma pequena parcela da humanidade”, disse Henrich.

Esse viés ocidental não importaria se o objetivo da pesquisa fosse descobrir como os ocidentais pensam e se comportam. Mas tal viés se torna um grande problema se queremos descobrir como os *seres humanos* pensam e se comportam, especialmente quando a parcela da humanidade que está sendo estudada é muito, muito singular — como acaba sendo, precisamente, o caso dos ocidentais. É como entrar em uma sorveteria, experimentar apenas o sabor chiclete cor-de-rosa, ignorar os outros trinta sabores e, em seguida, publicar um artigo afirmando que todos os sorvetes têm pedaços de goma de mascar.

O que acontece quando se experimentam os outros trinta sabores?

Para descobrir isso, os psicólogos analisaram uma série de experimentos realizados com pessoas de fora dos Estados Unidos e, depois, os compararam com aqueles realizados com ocidentais. Muitas vezes, os resultados não coincidiam. Os ocidentais se destacavam em uma

das extremidades do espectro de comportamento, enquanto pessoas de outras sociedades tendiam a se agrupar mais ao centro.

A conclusão dessas análises foi surpreendente: pessoas pertencentes à sociedade ocidental, “incluindo crianças pequenas, estão entre as populações menos representativas que alguém poderia encontrar para fazer generalizações a respeito dos seres humanos”, escreveu a equipe, em 2010. Eles até criaram um acrônimo de fácil memorização para descrever o fenômeno, nomeando a cultura europeia/norte-americana de ESTRANHA (*WEIRD*), referindo-se a sociedades ocidentais (*western*), instruídas (*educated*), industrializadas (*industrialized*), ricas (*rich*) e democráticas (*democratic*).

Henrich e seus colegas publicaram um artigo de 23 páginas intitulado “As pessoas mais estranhas do mundo?” e, num piscar de olhos, se desfez a visão etnocêntrica da psicologia. E não porque o imperador da psicologia está nu, e sim por estar dançando em trajes ocidentais, fingindo representar a humanidade inteira.

Pessoas ESTRANHAS são estranhas em mais de uma dúzia de maneiras, concluiu o estudo, inclusive na maneira como cooperam com outras pessoas, aplicam punições, encaram a justiça, pensam no “eu”, valorizando as escolhas e entendendo o espaço tridimensional.

Tomemos, por exemplo, a ilusão de óptica que vimos algumas páginas atrás. Nas décadas de 1950 e 1960, os cientistas testaram a ilusão de Müller-Lyer em, pelo menos, 14 culturas, com a inclusão de pescadores na Nigéria, coletores no deserto do Kalahari e caçadores-coletores na Austrália rural. Eles também testaram a ilusão em sul-africanos de ascendência europeia, bem como em adultos e crianças em Evanston, Illinois.

O experimento era simples. Os pesquisadores mostravam às pessoas a ilusão e perguntavam quanto as duas linhas pareciam ser diferentes. O que os pesquisadores descobriram foi tão surpreendente que alguns psicólogos acharam difícil de acreditar, e até hoje ainda discutem a causa subjacente dos resultados.

Os norte-americanos se mostraram bastante suscetíveis à ilusão. Em média, os voluntários de Illinois acreditavam que a linha B era cerca

de 20% mais longa do que a linha A. Essas descobertas se alinhavam a estudos anteriores. Não havia nada de novo ali.

No entanto, quando os pesquisadores analisaram os resultados de *outras* culturas, as coisas ficaram mais interessantes. Em algumas sociedades, como os caçadores-coletores no sul da África e os agricultores na Costa do Marfim, as pessoas não se deixavam enganar, de maneira alguma, pela ilusão de óptica. Elas viam as duas linhas tais como haviam sido realmente desenhadas — iguais em comprimento. Em todas as outras culturas, a suscetibilidade das pessoas à ilusão situava-se entre os dois extremos — entre os ingênuos norte-americanos e os inabaláveis africanos. Pessoas pertencentes a 14 outras culturas pensavam que as duas linhas tinham comprimentos diferentes, mas não tão diferentes quanto os norte-americanos acreditavam ser.

Os pesquisadores levantaram a hipótese de que a ilusão engana os norte-americanos de forma mais eficaz porque vivem entre “ambientes que sofreram os efeitos da carpintaria”, ou em meio a ângulos retos. Ou seja, estão cercados por caixas. Para onde quer que olhem, lá estão elas. Vivem em caixas (também conhecidas como casas), dormem em caixas (também conhecidas como camas), cozinham em caixas (também conhecidas como fogões), viajam em caixas (também conhecidas como trens) e preenchem suas casas com caixas (também conhecidas como cômodas, escrivaninhas, sofás, armários etc.).

Os cientistas supõem que toda essa exposição a caixas treina o cérebro para perceber a ilusão de óptica de Müller-Lyer de maneira peculiar: quando vemos as duas setas, o cérebro adota o caminho mais curto. Subconscientemente, transforma as linhas bidimensionais desenhadas na página em margens de caixas tridimensionais (ou, mais especificamente, em desenhos de margens). Por que essa mudança subconsciente faz acreditar que a linha superior é mais curta que a inferior? Imagine que as duas linhas são as extremidades de um prédio. A linha inferior, com as pontas das setas viradas para fora, assemelha-se a uma extremidade que se afasta do ponto de vista— ou que está mais longe. A linha superior, com as pontas das setas padronizadas, assemelha-se a uma

extremidade que aponta em nossa direção — ou que está mais perto de nós. Portanto, o cérebro alonga a linha inferior porque imagina que ela esteja mais longe do que a linha superior, que, teoricamente, está mais próxima.

No entanto, em muitas culturas ao redor do mundo, as pessoas não vivem cercadas por caixas e ângulos retos, e sim por formas curvas e harmoniosas. Casas e construções costumam ter plantas internas com formato de cúpula, ou serem feitas de materiais mais flexíveis, como juncos ou argila. E quando as pessoas saem de casa, não caminham em calçadas com postes de luz (formando ângulos retos). Elas se movem em meio à natureza — árvores, plantas, animais e tipos diferentes de solo. E a natureza não é feita de ângulos retos. Ela adora curvas.

Então, quando uma mulher do povo sã no deserto do Kalahari observa as duas linhas da ilusão de Müller-Lyer em um pedaço de papel, ela não se deixa enganar pelas pontas das setas. Seu cérebro não conclui automaticamente que aquelas linhas representam as margens de caixas. Ao contrário, ela vê apenas o que está efetivamente desenhado na página: duas linhas de igual comprimento.

Ao aplicar o teste em diversas culturas, os pesquisadores expuseram uma enorme falha nos fundamentos da psicologia. Suas descobertas mostraram que a cultura e o ambiente em que crescemos podem moldar profundamente as funções cerebrais básicas, como a percepção visual.

Se isso for verdade, então quais seriam as outras formas pelas quais a cultura poderia mudar nosso cérebro? Que outros “universais humanos” ou “princípios gerais” da psicologia não são, na verdade, universais, mas, sim, exclusivos da cultura ocidental — consequências de se viver e ser criado em um ambiente particularmente ESTRANHO?

Outra forma de expressar essa ideia: se pertencer a uma cultura distorce algo tão simples quanto a maneira como interpretamos duas linhas pretas em uma página, como a cultura pode influenciar processos psicológicos mais complexos? Que efeitos teria na maneira como criamos nossos filhos ou interpretamos o comportamento das crianças? E se algumas das ideias que consideramos “universais” quando se trata

de criação de filhos forem, na verdade, “ilusões de óptica” geradas pela cultura ocidental?

Depois de ter deixado a aldeia maia em Yucatán e voltado para casa, me senti muito motivada, animada e, pela primeira vez em anos, esperançosa em relação à parentalidade. Achava que talvez — e apenas talvez — eu pudesse entender, afinal, do que se tratava educar um filho; que eu pudesse não apenas domar aquela hiena selvagem em nossa casa, como também ensiná-la a ser prestativa e respeitosa. A perspectiva me provocava vertigens.

Então, comecei a fazer o que faço de melhor: pesquisar. Queria me informar o máximo possível sobre a abordagem dos pais maias para a criação de filhos. Mergulhei na literatura científica, conversei com pesquisadores e consultei livros acadêmicos. Também analisei longa e profundamente obras contemporâneas sobre parentalidade.

Minha frustração foi praticamente imediata: não consegui encontrar quase nenhuma informação sobre a educação de crianças na cultura maia nos livros mais populares sobre criação de filhos. Na verdade, foi difícil encontrar quaisquer informações sobre parentalidade em culturas não ocidentais. Nos raros casos em que os livros mencionavam práticas de outras sociedades, eles tratavam tal conhecimento mais como uma curiosidade intelectual do que como uma informação valiosa que poderia, realmente, ajudar mães e pais em dificuldades.

Foi naquele momento que identifiquei a enorme lacuna existente nas orientações disponíveis acerca da criação de filhos. Quando se trata de instruções e aconselhamentos, damos ouvidos quase exclusivamente à perspectiva ocidental. Há inúmeras vozes e pontos de vista além dela. E mais ainda: quando se trata de entender do que os bebês precisam para dormir, como as crianças pequenas agem e o que fazer quando elas se deitam de bruços no chão (querendo apenas interagir com um amigo), o mundo ocidental pode não ser o melhor lugar para procurar as respostas.

Para começar, a cultura ocidental é relativamente novata em formação de filhos. No cenário parental mundial, é a mais ingênua. Muitos dos métodos existem há apenas cem anos — em alguns casos, há algumas décadas. E essas práticas ainda não foram, sob nenhuma hipótese, “submetidas ao teste do tempo”. Muitas vezes, as orientações mudam tão rapidamente de uma geração para outra que isso chega a ser perturbador. Considere, por exemplo, a posição recomendada para o sono de um bebê. Quando minha mãe deu à luz, os médicos lhe disseram para colocar a recém-nascida Michaelleen sobre sua barriga para fazê-la dormir. Hoje, esse conselho seria considerado altamente perigoso e até mesmo negligente, uma vez que foi comprovado que colocar os recém-nascidos para dormir de bruços faz aumentar o risco da síndrome da morte súbita infantil (SMSI).

Além disso, ao comparar estratégias ocidentais de criação de filhos com outras ao redor do mundo e ao longo da história humana, é possível concluir que, muitas vezes, aquilo que é feito é bastante ESTRANHO.

Muito antes de o trio de psicólogos publicar seu notável estudo, dando ao Ocidente a faixa de cultura mais ESTRANHA do mundo, o antropólogo David Lancy já se perguntava se isso também não seria verdadeiro quanto à forma ocidental de criar os filhos. Essa abordagem é a exceção? É o ponto fora da curva?

Por décadas, Lancy analisou dados antropológicos, descrições etnográficas e registros históricos, e concluiu que a resposta era um retumbante *sim!* Muitas práticas de uso disseminado — que acreditam ser essenciais ou fundamentais para a criação de filhos — não estão presentes em nenhuma outra cultura ao redor do mundo ou começaram a surgir apenas recentemente. “A lista de diferenças é muito, muito extensa. Devem existir de quarenta a cinquenta coisas que fazemos que não são observadas em nenhuma outra cultura”, diz o pesquisador. Ele resume esses contrastes em seu histórico livro *The Anthropology of Childhood: Cherubs, Chattel, Changelings*.

Por exemplo, o elogio é a melhor maneira de motivar as crianças? É função dos pais estimular e entreter constantemente os filhos? As

palavras são a forma ideal de se comunicar com crianças pequenas? As instruções verbais são, de fato, as mais indicadas para ensinar as crianças? Muitas dessas ideias ocidentais dificultam a criação de filhos e, frequentemente, vão contra os instintos naturais das crianças, afirmou Lancy.

Considere, por exemplo, a família nuclear. Na cultura ocidental, existe uma crença genérica de que a estrutura familiar ideal consiste em uma mãe, um pai e seus filhos pequenos, todos morando juntos sob o mesmo teto. E, para tornar essa estrutura ainda mais ideal, segundo o entendimento de alguns, a mãe deve ficar em casa e dedicar toda a sua atenção ao cuidado dos filhos. Isso seria o mais “tradicional”, certo?*

Não mesmo. Se olharmos ao redor do mundo e investigarmos a história humana, descobriremos que a família nuclear (com uma mãe cujo único trabalho é ser mãe) é, indiscutivelmente, uma das estruturas menos tradicionais que existem. Em 99,9% do tempo em que os seres humanos estiveram sobre a Terra, a família nuclear simplesmente não existiu. “Trata-se de uma estrutura familiar que passou a existir há pouquíssimo tempo na história humana”, diz o historiador John Gillis, da Universidade Rutgers, estudioso da evolução das famílias ocidentais há mais de trinta anos. “Não é uma coisa antiga. Não é tradicional. Não tem raízes reais no passado.”

E, definitivamente, não se trata de um sinal de evolução no modo como as crianças humanas passaram a ser criadas. A família nuclear é incapaz de dar conta de instrutores fundamentais na vida de uma criança. Por centenas de milhares de anos, a criação de filhos era um assunto multigeracional. As crianças evoluíam aprendendo com pessoas de diferentes gerações — bisavós, avós, tios, tias, amigos da família, vizinhos, primos e todas as outras crianças que conviviam com elas.

* Ao ler isso, dependendo de sua formação, talvez você pense que a ideia de uma mãe em casa pareça antiquada. Entretanto, há pouco mais de catorze anos, 41% das pessoas pensavam que as mães que trabalhavam fora de casa prejudicavam a sociedade, informou o Pew Research Center, em 2007.